

*Flávia Pires Rodrigues*

Prof<sup>a</sup>. Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Odontologia da UNIP-São Paulo; Representante das colaborações internacionais da Universidade de Birmingham (Reino Unido) no Brasil; Treinadora do 'Programa Researcher Connect' do British Council Brasil e Uruguai; Diretora Executiva da Confidence – Professional & Academic Skills

## Internacionalização das Universidades – estamos preparados?

A necessidade de Internacionalização das Universidades, não somente as do Brasil, tem crescido ao redor do mundo. Discussões sobre a uniformização de currículos, cargas horárias, modelos pedagógicos, entre outros aspectos, estão deixando tanto os alunos quanto os professores bastante apreensivos. Primeiro, por que há vários obstáculos a serem vencidos para que esses processos ocorram: verbas, pessoal disponível a trabalhar nessas reformulações sem adicionais em salários, diferenças de opiniões e regimentos, mas também o idioma falado em cada país.

Ao pegar o Brasil como um exemplo, temos o cenário de que para um aluno vir estudar no Brasil ele teria que acompanhar o curso todo dado em Português. Sabendo que não é possível, a Universidade que o recebe deveria oferecer aulas gratuitas de Português em tempo e qualidade hábeis para que ele acompanhe as aulas e possa tirar boas notas e acompanhar o curso, ser aprovado, e depois tentar validar o curso na volta para a Universidade de seu país. Isso, já sabemos, não é o que muitas vezes acontece daqui para fora e nem de fora para cá. Nas minhas andanças por aí afora, tenho me deparado com muitos alunos que passam um período fora do país e que não conseguem revalidar seus créditos quando voltam. E, mesmo assim, acordos de colaboração internacional, os chamados Memorandos de Entendimento, continuam a ser assinados. E você sabe como esse processo funciona? Provavelmente, se você é o professor da sala de aula que quer ajudar o aluno que veio de fora a entender o que você diz a ele em sala de aula, ou se você é o pai, professor ou orientador daquele aluno que foi realizar uma experiência fora do país, também não saiba porque quando ele volta ele tem essa dificuldade de validar o que fez.

Esses acordos são realizados pelos escritórios de relações internacionais de cada Universidade. Essas pessoas têm apenas uma preocupação: aumentar o número de alunos que elas vão enviar ou receber, que vai aumentar a visibilidade e a reputação da Universidade, que resultará em maior procura pelos seus cursos e por relações entre os pesquisadores dessas Universidades para aprovação de projetos em agências de fomento. Tudo isso, por fim, refletirá nos 'rankings'

internacionais de Universidades para que elas apareçam bem colocadas a cada ano. No entanto, as dificuldades enfrentadas por ambos os lados, professor e aluno, fica em segundo plano, pois em nenhum momento, na maioria das vezes, esse professor é consultado sobre a possibilidade real de sua disciplina receber esse aluno em sala de aula. Teria ele que dar uma atenção diferenciada? Teria ele que modificar todo o seu plano pedagógico? Teriam os outros alunos que se privarem de falar em seu idioma? Teriam os outros alunos que aprender Inglês para receber essas pessoas? Enfim, teria esse aluno estrangeiro que fazer as mesmas provas? Teria esse aluno que pagar por um curso de Português antes de vir? São muitas as perguntas...e muitas sem respostas...

Eu, particularmente, sou muito a favor desses intercâmbios. Mas sou mais ainda a favor de algo mais estruturado e que tenha impreterivelmente a consulta do professor sobre a sua disciplina. Com o aumento desses intercâmbios, e com as Universidades oferecendo capacitação em língua estrangeira tanto para os alunos da sala quanto para os professores, o idioma não seria mais obstáculo. O Brasil é hoje uma das poucas nações com amplo número de Universidades que não oferece aulas na Universidade na língua inglesa, o que restringe e muito o país para a Internacionalização. A questão é que, concordando você ou não com esse processo, ele já se iniciou há muito tempo...e agora está sim chegando até nós. Quem não estiver preparado, ficará de fora...e não poderá dizer que não foi avisado.

Haja vista, a CAPES já está nos cobrando que tenhamos aulas da pós-graduação na língua inglesa...com o processo da Globalização, cada pessoa pode estudar e morar onde bem entende...e, daqui a pouco, poderá ser até crime de exclusão dizer não a um aluno que quer estudar em nossas Universidades por que ele ou ela não falam Português. A Educação é um Direito...e tudo o que estaria impedindo a Educação de acontecer de forma ampla ficará estampado nos jornais do futuro.

Entendemos, claro, que isso ainda é tabu no Brasil e que o processo será vagaroso. Mas achar que não vai acontecer já é tarde demais. E isso não é culpa de um ou outro partido político...isso é um processo GLOBAL! O sentimento aqui ainda é de desconforto, de invasão, com poucas ressalvas ao avanço tecnológico e cultural do país. As Olimpíadas provaram que podemos sim nos igualar aos 'produtos' de fora. Mas o que foi sempre polêmico aqui não é a PROMOÇÃO, mas a MANUTENÇÃO. Podemos sim abrir as portas das nossas Universidades e salas de aula. Mas sem capacitação de docentes, de alunos que irão e virão, de funcionários, bibliotecas, etc., quem é que vai conseguir manter tudo isso?

Diante do exposto, e do que tenho vivenciado, minha dica é que ‘começamos pelo começo’. Se a sua Universidade ainda não possui um escritório de relações internacionais, que o faça urgentemente. Que nele contenha ao menos uma pessoa com formação em relações internacionais e outra que seja um docente com ampla experiência no exterior, de preferência em mais de um país. Aos poucos, esse departamento deve crescer e carregar pessoas com experiências em agências de fomento, outra em mídia e marketing e outra em economia exterior ou administração. Pronto, você já vai ter um ‘DREAM TEAM’, o time dos sonhos. Essa equipe deverá estruturar tudo o que se relacionar com intercâmbios, colaborações internacionais entre docentes, orientações aos alunos, memorandos de entendimento (lembrar que esses documentos são assinados pelos reitores, sempre). Esse grupo deve convidar pessoas da CAPES, CNPq, FAPs, para comunicar as ações de colaboração internacional disponíveis e promover treinamentos para que os docentes tenham uma consultoria para escrever e submeter projetos para as agências.

Acreditem...só com isso muita coisa já pode acontecer! Façam também comissão de alunos. Tenham um representante discente nesse departamento. E, se você é acadêmico, se prepare...leia sobre o assunto, frequente congressos de Internacionalização (recomendo a FAUBAI, no próximo ano, em Porto Alegre). Ficar parado é sim seu direito...mas se isso o fizer, esse caminhão chamado Internacionalização vai te atropelar. E não estou falando de fazer pós-doc fora do país, somente, pois isso já passou a ser quase que obrigação para a CAPES. Falo aqui de estar preparado para RECEBER quem virá...e, com certeza virá, de Universidades de fora para o Brasil. Boa sorte a todos!